



17ª edição

Antônio de Pádua e Silva

Guerra no Pantanal

ENTRE
LINHAS
AVENTURA

Ilustrações: Roko

Conforme a nova ortografia

 **Atual**
Editora

Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Preparação de texto • Lúcia Leal Ferreira

Revisão de texto • Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.)/Aline Araújo/Diego da Mata/

Edilene Martins dos Santos/Marcelo Zanon

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Supervisor de arte • Marco Aurélio Sismotto

Diagramação • Lucimar Aparecida Guerra

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Projedutor gráfico • Rogério Strelciuc

Suplemento de leitura e Projeto de trabalho interdisciplinar • Maria Paula Parisi Lauria

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Silva, Antônio de Pádua e
Guerra no pantanal / Antônio de Pádua e Silva
; ilustrações de Roko. – 17. ed. – São Paulo : Atual,
2009. – (Entre Linhas: Aventura)

Inclui roteiro de leitura

ISBN 978-85-357-0321-4

ISBN 978-85-357-0834-9 (professor)

1. Literatura infantojuvenil I. Roko. II. Título.
III. Série.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Copyright © Antônio de Pádua e Silva, 1991.

SARAIVA S.A. Livreiros Editores

Rua Henrique Schaumann, 270 – Pinheiros

05413-010 – São Paulo – SP

Todos os direitos reservados.

17ª edição/10ª tiragem

2014

SAC | 0800-0117875
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30
www.editorasaraiva.com.br/contato

811568.017.010

Sumário

Na cidade verde 9

Banho de música 11

Que maldade! 15

Canoa veloz 18

Bela surpresa 21

Magia pantaneira 25

O aviso da inhuma 28

Sangue no Pantanal 30

Uma conta esquisita 34

Gato selvagem 37

Mentiras? 40



Pantanais 43

Cavalgada 46

A grande explosão 48

Na escuridão 53

Um chefe muito bravo 55

Que pesadelo! 57

Fala de coureiro 60

Uma pulga 63

É guerra! 65

Lancha voadora 71

Novos caminhos 74

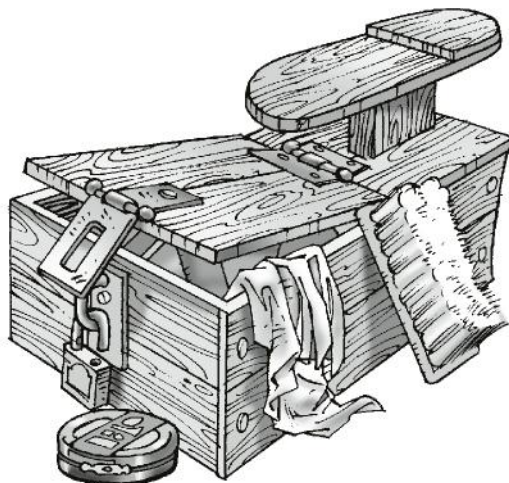
História para contar 76

O autor 78

Entrevista 79

Para Laura e Pedro

Na cidade verde



Tudo no lugar. As latas de graxa e tinta, a escova, o pano de lustre, a escovinha. Pé-de-Banda confere e tranca a caixa de engraxate com cadeado. Coloca a chave no bolso da bermuda.

– Tudo em cima! – fala baixinho. Com a caixa no braço, sai do quarto. Percorre o corredor, passa pela sala e chega à cozinha.

A mãe termina de fazer o café. Mas o menino nem quer sentar para comer. Pega um pedaço de pão e vai para a rua.

Antes de atravessar o portão, ouve o chamado da mãe:

– Pé-de-Banda, volta aqui!

Pé-de-Banda não volta. Todos os dias é sempre a mesma coisa. A mãe quer saber se a camisa está abotoada, se o zíper da bermuda está funcionando, se... e Pé-de-Banda não gosta dessas coisas. Gosta mesmo é de andar descalço por aí, pisar na terra e a poeira fazendo montinhos de barro entre os dedos.

A manhã é bem clara. Sol quente. A rua cheia de pequenas poças de chuva que caiu de madrugada.

Pulando pedaço de pau, bueiro, equilibrando o corpo sobre meio-fio de calçada, Pé-de-Banda chega na avenida.

Da esquina vê o seu companheiro, no ponto de ônibus. Um toquinho de gente, Pitoco, Pitoquinho. Está lá com a sua caixa de engraxate, a calça meio caída e a camisa mostrando a barriga.

– Eh, Pé-de-Banda! Olha o *buzu* chegando!

O ônibus surge na avenida. Em pouco tempo, freia para que os meninos subam pela porta de trás. Passam por um aperto no meio de gente grande, atravessam a roleta e encontram dois bancos de onde podem ver tudo o que acontece na cidade.

O motor do ônibus ronca de cansaço e trabalho. Pé-de-Banda olha da janela. Cachorro latindo, correndo atrás de bicicleta; gente na porta dos bares tomando cerveja; gente jogando sinuca; mulher saindo de mercearia com pacotes de pão e leite.

O motorista passa a terceira marcha. O vento atrapalha os cabelos de Pé-de-Banda, mas não o impede de ver as casas do seu bairro, a maioria em construção. As paredes sobem sem qualquer pintura. Só o vermelho brilhante dos tijolos e, nos quintais, montes e montes de areia.

É ali também que seu pai constrói a casa de sua família. O pai é caminhoneiro e sempre viaja pelas rodovias da selva amazônica, onde crescem vilas e cidades com casas de madeira.

O ônibus toma a direção do centro de Cuiabá. Uma cidade com árvores nos quintais e nas calçadas. Árvore para abrigar passarinho e espantar o calor, que é forte demais.

O ônibus tem dificuldade para chegar na praça da Prefeitura. É o sinal vermelho que não abre; são filas e filas de carros que impacientam os meninos. Eles sempre querem chegar rápido naquela praça, onde também há uma igreja e a meninada engraxa os sapatos da freguesia.

– Até que enfim! – respira aliviado Pitoco, ao se ver livre do sufoco do ônibus, agora encostado no ponto final.

Banho de música



A freguesia de Pé-de-Banda é diversa. Daquela multidão de pernas e pés, sempre aparecem botas de peão, sapato preto de juiz, botina de boiadeiro, sapato branco de bicheiro e até coturno de polícia.

É tirar o barro, lavar, passar tinta e caprichar no lustre. Trabalho de deixar doendo as juntas das mãos.

Quando cai o movimento, a praça fica vazia. Pé-de-Banda e outros meninos vão nadar na fonte luminosa. Cabeça molhada, corpo ágil no mergulho, é brincar de brigar, empurrar os amigos e ser empurrado para dentro d'água.

Mas, nesta tarde, Pé-de-Banda e Pitoco encontram a fonte seca. Seca de poeira invadir os ladrilhos; seca de folhas se juntarem pelos cantos, se escondendo do vento.

É aí que Pitoco tem uma ideia:

– Pé-de-Banda, vamos nadar no rio?

– Pode ser, mas... mas o rio é muito grande e fundo!